

**A cultura por meio dos projetos escolares: uma formação para o protagonismo
estudantil**

Culture through school projects: training for student protagonism

Lidiane Sousa Trindade

Mary Weinstein

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Vitória da Conquista-Brasil

Resumo

Neste artigo trataremos da inserção da cultura na educação básica. Temos como objetivo compreender se a cultura é considerada no processo de formação dos estudantes. Trata-se de uma abordagem qualitativa, com revisão de literatura. E como base teórica nas obras de Paulo Freire, pois este educador propõe uma educação dialógica, emancipadora com ênfase no protagonismo dos educandos. Os sujeitos da pesquisa são 22 estudantes do ensino médio de uma escola da rede estadual e seis professores, que responderam aos questionários aplicados via *Google Forms*. Como resultados, percebemos que os projetos pedagógicos devem ser elaborados pensando no contexto cultural dos educandos e educadores. Daí a importância de valorizar o estudo a partir do local na educação básica.

Palavras-chave: Cultura; Educação; Juventudes

Abstract

In this article, we will deal with the insertion of culture in basic education and the objective is to understand if culture is considered in the students' education process. The research subjects are high school students from a state school. And it has the participation of 22 students and six teachers, who answered the questionnaires applied via *Google Forms*. It is a qualitative approach and we performed a literature review. We have as theoretical basis the works of Paulo Freire, as this educator proposes a dialogical, emancipatory education with an emphasis on the role of the students. As a result, we realized that pedagogical projects would be more successful if they were designed thinking about the cultural context of students and educators. Hence the importance of valuing study from the place in basic education.

Keywords: Culture; Education; Youths

Introdução

Neste texto nos baseamos nas obras freireanas ao defendermos uma educação que parte da realidade dos sujeitos que considera a cultura no processo de ensino e aprendizagem. Ao ter como ponto de partida a cultura dos estudantes, o processo de ensino - aprendizagem, bem como os saberes escolares encontram-se vinculados aos processos de libertação e emancipação. A partir do contexto local é possível apreender a realidade e compreender outras dimensões para além do lugar em que se vive. Isso nos faz refletir sobre a importância de a escola propiciar a aproximação dos cotidianos dos estudantes dentro e fora dos seus limites, como forma de orientá-los para experimentar e vivenciar o seu entorno e se movimentar dentro dele.

O Educador Paulo Freire (1967, 1983, 1987) teve como pressuposto uma relação dialética entre a cultura e a educação e orientava educar para o pensamento crítico, ativo e criativo considerando o debate de situações que são parte do meio onde os educandos estão inseridos. Para ele, a educação e a cultura estão presentes no processo de formação das pessoas. Sua teoria ancorada na dimensão cultural corrobora com a compreensão de que o conhecimento é uma construção mediada dialogicamente e uma interação dialética entre experiência da vida prática com a sistematização crítica. Conforme Freire (1987, p. 43) as raízes da educação como manifestação humana consiste em sermos seres históricos e inacabados, pois estamos em um [...] “movimento de busca em que se dirige ao *ser mais*, à humanização dos homens”. Por isso, como seres inacabados vivemos em processos de aprendizagens em constante construção, “as coisas estão sempre se fazendo e se refazendo” (FREIRE, 2001, p. 40).

Concordamos com Freire (1987) ao afirmar que a educação dialógica e problematizadora considera a experiência cultural dos jovens tornando-se necessária para a tentativa de despertar o interesse e participação destes. Para Dayrell (2007) quando se trata de estudantes do Ensino Médio, a escola se distancia dos seus interesses e reduz-se a um cotidiano enfadonho. Neste cenário, ir à escola é mais uma obrigação à qual eles se submetem por precisarem do diploma. Temos como objetivo compreender a importância da cultura no processo de formação dos estudantes da educação básica. E buscamos analisar como os jovens do ensino médio percebem e vivenciam a cultura por meio dos projetos e

políticas de incentivo à cultura que acontecem na escola. Buscamos responder a seguinte pergunta: Qual a importância do incentivo à valorização e reconhecimento da cultura local no processo de formação dos estudantes da educação básica?

Realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa, que permite responder questões particulares, trabalhar com os motivos, as aspirações, as crenças, os valores e atitudes (MINAYO, 2009). Enfatizamos em uma revisão bibliográfica de obras que abordam sobre a cultura, especialmente, com base nas obras freireanas, que valorizam a experiência existencial dos educandos e são ancoradas no contexto cultural para uma educação problematizadora, emancipadora, crítica e reflexiva (FREIRE, 1982, 1987). Como instrumentos metodológicos, aplicamos questionários via *Google forms* para os sujeitos da pesquisa que foram 22 alunos e seis professores da rede estadual da educação básica com o objetivo de entender como eles percebem e vivenciam a cultura local por meio dos projetos, que acontecem no cotidiano escolar. A pesquisa aconteceu no município de Barra do Choça-Ba, que fica localizado na região Sudoeste da Bahia, a aproximadamente 500 km da Capital Salvador e a 27 km de Vitória da Conquista- Ba.

O artigo se divide em três tópicos. No Primeiro tópico intitulado, *A cultura e a construção do cotidiano*, temos como objetivo discutir sobre a cultura popular, construída pelas pessoas em seu dia a dia, e que devem ser consideradas no processo de ensino-aprendizagem escolar. Abordamos sobre cultura e educação sobre o ponto de vista de Freire (1967, 1982, 1987), Chauí (2011), Carlos (2007) e Certeau (1998). No segundo tópico intitulado, *A cultura na concepção dos sujeitos*, temos como objetivo apresentar a cultura sob a percepção dos sujeitos da pesquisa, fazendo uma conexão com o entendimento de cultura dos autores apresentados no primeiro tópico, buscamos compreender como os jovens do ensino médio percebem e vivenciam a cultura por meio dos projetos e políticas de incentivo à cultura que acontecem na escola. No terceiro tópico, intitulado, *A cultura na escola e as juventudes*, temos como objetivo analisar a relação dos projetos que acontecem na escola com a formação dos jovens do ensino médio.

A cultura e a construção do cotidiano

Concordamos com o pensamento de Freire (1967, 1987) sobre a relevância de problematizar a cultura do cotidiano dos estudantes a fim de que as aulas se tornem inclusivas, atrativas e contribuam na formação do sujeito autônomo na tomada de decisão e

A cultura local por meio dos projetos escolares: uma formação para o protagonismo estudantil

ativo frente aos problemas do seu espaço e tempo. Para Freire (2001) uma educação problematizadora não se separa da política e da história. Política para ele é ato de escolha, de deliberação e de decisão. O ato de ensinar e aprender como intenção consciente, possibilita questionar e resolver situações limitantes. Trata-se de compreender os educandos como transformadores e criadores que, em suas relações com a realidade produzem bens materiais e imateriais (FREIRE, 1987).

A cultura dos estudantes, seus modos de vida, de existir, de ser devem ser objetos de consideração na escola. Professores e estudantes ao movimentarem e trabalharem no dia a dia constroem lugares, produzem espaços e demarcam territórios. Além de construírem conhecimentos. Nesse processo é possível realizar a leitura da realidade por meio do espaço construído, do espaço cultural, que parte da vida cotidiana. Como diz Freire (1982, p.11) “a leitura do mundo precede o mundo da palavra”. Por isso, a escola deve ser onde a cultura e a memória possam ser vivenciadas sem restrições e os educandos possam expressar o seu modo de ser. A vivência e a pesquisa sobre a cultura do lugar, da região e do mundo, sobretudo, aquela que é parte da formação e estruturação de si como indivíduo, pois a vida escolar é a referência basilar na construção do indivíduo e do coletivo.

A cultura faz parte da vida das pessoas que a constrói no cotidiano e perpassa as gerações futuras. Carlos (2007) coaduna com a ideia de Freire (1989) ao dizer que a cultura compõe de experiências cotidianas e permite a continuação da história do lugar, onde gerações anteriores deixaram marcas e projetaram suas utopias e imaginários. Carlos (2007) colabora na compreensão de que a produção espacial se realiza no plano do cotidiano, nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar. Uma vez que cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalhar, e o lazer enquanto situações vividas, revelando no dia-a-dia os conflitos do mundo moderno. Para Chauí (2011) o modo de viver, de plantar, de expressar e de ser, bem como os costumes, as tradições e os comportamentos orientados pelas regras e normas que compõem a sociedade, assim como as produções e criação da linguagem e o uso dos instrumentos são concernentes à cultura das pessoas.

Aqui abordamos a cultura do cotidiano, como o lugar onde as relações humanas acontecem, ou seja, o plano do vivido, que garante a construção de significados, saberes e sentidos tecidos pela história e cultura, onde se produz a identidade, posto que o homem se

reconhece porque é o lugar da vida (CARLOS, 2007). Ainda com base em Carlos (2007, p. 20) “o caminho para pensar o cotidiano é refletir onde se realiza o local e o mundo, que é tecido pelas maneiras de ser, pelos afetos, as modalidades do vivido, próprios a cada habitante produzindo uma multiplicidade de sentidos”.

Sobre a cultura do cotidiano, De Certeau (1998, p. 42) também contribui ao abordar que a cultura popular que “se formula em ‘artes de fazer’ isto ou aquilo, em consumos combinatórios e utilitários” e se realizam no dia a dia, compreende as manifestações e artefatos produzidos por uma determinada comunidade. As histórias, lendas, crenças, causos e contos folclóricos fazem parte das vivências de um povo e compõem sua cultura popular. São imaginações e histórias que representam a cultura popular, pois “tem raízes na terra em que se vive, simboliza o homem e seu entorno e encarna a vontade de enfrentar o futuro sem romper com o lugar, e de ali obter a continuidade” (SANTOS, 2006, p. 327).

Nesta perspectiva, Santos (1996) argumenta que as pessoas constroem matérias com a força do trabalho, a cultura material, e também, constroem histórias, relações, sentimentos, valores e crenças relacionados à cultura imaterial. Nesse sentido, pensamos que é na dimensão cotidiana do espaço onde acontecem os movimentos, as ações e transformações humanas. Nestas relações as pessoas se formam como autônomos, e agentes de modificações da sua residência, da sua escola, do seu bairro e da sua cidade. Para Callai (2005), uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens. E os espaços do cotidiano dos educandos é onde eles podem ser atores no processo de transformação.

O entendimento da cultura local possibilita avaliar o significado dos saberes, das técnicas e das crenças de um grupo, traduzidos em representações e práticas, as quais dão sentido à vida. São saberes comuns, da experiência cotidiana e conforme afirma (Hissa, 2010, p. 7) “são caracterizados pela subjetividade que representa os indivíduos e os grupos das comunidades e variam de acordo com o contexto social e cultural onde o sujeito está inserido”. Como conjunto de práticas a cultura confere significados aos lugares, indivíduos e grupos e inscreve-se no propósito de construir possibilidades de investigações histórico - educativas (SILVA, 2006, p. 208).

No próximo tópico abordaremos sobre o entendimento de cultura dos sujeitos da pesquisa, que nos informou por meio dos formulários. A análise por intermédio dos temas

A cultura local por meio dos projetos escolares: uma formação para o protagonismo estudantil

geradores de Freire (1987) nos possibilita investigar, a percepção de mundo dos sujeitos. Por isso, tivemos como objetivo analisar a percepção e o entendimento dos sujeitos sobre a cultura na escola.

A cultura na concepção dos sujeitos

Para compreendermos o ponto de vista dos docentes sobre cultura no cotidiano da escola, e analisar como os jovens do ensino médio percebem e vivenciam a cultura local por meio dos projetos que acontecem na escola, aplicamos dois questionários via *Google Forms*, sendo que um foi direcionado para 22 estudantes do ensino médio de uma escola da rede estadual de ensino no município de Barra do Choça. E outro direcionado para seis professores que lecionam na mesma escola. Para identificar os sujeitos usaremos para os professores a palavra Professor + inicial da disciplina que leciona. Para identificar os alunos utilizaremos a palavra Aluno + letra do alfabeto que é inicial do seu nome.

Aos docentes perguntamos inicialmente sobre a percepção deles sobre cultura. E percebemos que para eles a cultura faz parte da formação humana. Está atrelada às tradições, costumes, valores, dogmas e atitudes de um povo. Para a Professora LP, “este costume não é imposto, está arraigado na comunidade”. Em contradição o Professor F, acredita que “as culturas são impostas e moldadas para atender e satisfazer necessidades nas escalas locais, regionais e globais”. Ele vê a cultura como um mecanismo de poder para controlar os comportamentos das pessoas.

A percepção destes sujeitos sobre cultura está de acordo com o conceito de cultura apresentado por Freire (1967, 1989) que corrobora no entendimento de que a cultura é inerente aos seres humanos. Para este educador, o domínio da história e da cultura é peculiar aos seres humanos que criam, recriam e desafiam-se. O ser humano é por essência um transformador de produtos da natureza em cultura. Os estudantes, também têm uma percepção de cultura similar aos professores. Para os estudantes, a cultura está associada às tradições de grupos sociais locais e regionais como festas, músicas, religiões e manifestações. Conforme podemos observar no Quadro 1.

Quadro 1. Relação de respostas dos alunos sobre cultura

Participante	Percepção de cultura
Estudante C	Cultura é tudo aquilo que presenciamos

Estudante I	Conceito muito amplo que apresenta um conjunto de tradições e costumes
Estudante D	Cultura é o que traz a sempre lembrar as tradições e riquezas do local... representa o conjunto de tradições e crenças
Estudante E	Tudo que tem valor seja uma música ou religião
Estudante F	Aquilo que tem uma história
Estudante J	Aquilo que é semeado em determinado local

Elaborado pela autora

Os estudantes, também compreendem a cultura como: lembranças, riquezas, crenças, novelas, filmes e história. Os alunos reforçam em seus depoimentos que cultura são as tradições das cidades, desde uma comida a uma festa, e que não se deve deixar acabar estas culturas populares herdadas pelos moradores mais velhos. A percepção de cultura dos estudantes, também está atrelada ao que se constroem no cotidiano, ao afirmar que a cultura é semeada em um local e que a presenciamos, e que ela está por trás da história. Além disso, os estudantes demonstram entendimento sobre a cultura popular imaterial e cotidiana, ao relacionar cultura com as comidas, as festas e as crenças, que também fazem parte das tradições e costumes locais. Nesta perspectiva entendemos que, a percepção cultural dos alunos, está relacionada a cultura popular, ou mesmo culturas cotidianas (DE CERTEAU, 2005). Sobre isso enfatizamos que as pessoas constroem suas culturas nas relações cotidianas, nos seus espaços e tempos. Conforme Freire (2001, p. 13) “a cidade é cultura, criação, não só pelo que fazemos nela e dela, também pelo que criamos nela e com ela”. Em suas ruas e praças os moradores constroem suas histórias.

Neste sentido, os conhecimentos das pessoas mais velhas fazem parte das memórias e cultura imaterial. É preciso valorizá-los, ouvir suas histórias e experiências, que também fazem parte do patrimônio local (BENJAMIN, 1985). Ressaltamos que tudo que o homem produz é cultura. Freire (1989) diz que a dança do povo é cultura, as produções e criação da linguagem, forma de trabalho e os instrumentos, a religião, e a sexualidade. Por isso, buscamos compreender como os projetos da escola podem contribuir para a formação cultural e protagonismo estudantil.

A cultura na escola e as juventudes

Para Freire (1967) a partir da experiência, da realidade, as pessoas criam e recriam, modificam, interferem, transformam e descobrem e isso é um domínio dos seres humanos construir sua história e sua cultura. A promoção, divulgação e vivência da cultura na escola é garantida nos dispositivos legais, com base no artigo terceiro da LDB/9394 de 1996. O artigo institui como princípios “a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e propagar a cultura, o pensamento, a arte e o saber”. Em relação à cultura, percebemos que a BNCC de 2018 apresenta 10 competências gerais para a Educação Básica, sendo que a terceira tem como escopo “valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural”. Enfatizamos que neste documento, competências são definidas como mobilizações de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para solucionar demandas da vida cotidiana, do exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BRASIL, 2018).

Conforme Sposito (1997), a juventude tem sido histórica e socialmente encarada como fase de vida marcada por instabilidade associada a problemas sociais. Com base em Dayrell (2003, p.42) “Construir uma noção de juventude implica em não considerá-la presa a critérios rígidos, mas como um processo de crescimento, que ganha contornos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social”. Ainda conforme este autor a juventude não deve ser entendida como uma etapa, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta (DAYRELL, 2003).

Em relação aos direitos dos jovens à educação básica, a LDB 9394/96 garante a eles e aos adultos trabalhadores uma educação escolar regular com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades garantindo as condições de acesso e permanência na escola (BRASIL, 1996). Percebemos, também, que para a BNCC de 2018, considerar as juventudes é acolher as diversidades e reconhecer os jovens como interlocutores sobre o currículo, e o ensino - aprendizagem e tem como intenção “assegurar aos estudantes uma formação que, em sintonia com seus percursos e histórias, faculte-lhes definir seus projetos de vida” (BRASIL, 2018, p. 463).

Ainda sobre a etapa do ensino médio, a BNCC (2018) aborda que as escolas devem contribuir para a formação de jovens críticos e autônomos e o documento apresenta a crítica como a compreensão informada dos fenômenos naturais e culturais e a autonomia

como a capacidade de tomar decisões fundamentadas e responsáveis. A BNCC também aborda que “cabe à instituição escolar convocar os jovens a equacionar e resolver questões legadas pelas gerações anteriores, valorizando o esforço dos que os precederam e abrindo-se criativamente para o novo” (BRASIL, 2018, p. 454).

Por isso, buscamos analisar como os jovens do ensino médio percebem e vivenciam a cultura no cotidiano escolar por meio dos projetos que acontecem na escola. Para um dos participantes, “os projetos estruturantes, contribuíram para que eu aprendesse mais sobre minha cultura e me ensinou a respeitar sobre a cultura, sobre outros países, que eu, particularmente, achava estranho” (Aluno B). Percebemos a importância de considerar a cultura no processo de ensino - aprendizagem. A relevância de fazer uma conexão com o local, o regional e o global. Como afirma Carlos (2007) é preciso pensar o cotidiano de modo que se possa refletir a relação entre o local e o mundo, que é tecido pelas modalidades do vivido, particulares a cada habitante produzindo uma multiplicidade de sentidos. E reforçamos também a proposta de Freire (1982) de considerar sempre o contexto cultural local dos educandos.

Para o Aluno R, os projetos foram de extrema importância para formação educacional, e afirma: “Fiz questão de contribuir para assim desenvolver mais aprendizado e foi super prazeroso. E contribuiu muito para minha cultura”. A Aluna J destaca que os projetos foram significativos para ela, pois, corrobora na construção da identidade individual e coletiva dos estudantes, e na percepção da importância do trabalho em equipe, com respeito e solidariedade.

Fez sentido sim, apesar de todas as dificuldades, nós aprendemos um com o outro, acho que toda a identidade individual que construímos no colégio tem um pouco do coletivo, acho que no final, nós, alunos, percebemos que para construir algo naquela escola precisávamos um do outro, acho que isso foi o que mais me marcou (ALUNA J, em maio de 2020).

Percebemos que para alguns alunos os projetos da escola foram significativos. Pois ajudou na formação de identidades individuais e coletivas. Por exemplo, a aluna J diz que recorriam uns aos outros quando iriam construir algum projeto. Também tivemos como objetivo verificar a relação entre o processo de ensino - aprendizagem, por meio do contexto cultural dos educandos para o protagonismo juvenil. E aqui referimos “ao protagonismo positivo, que está ligado a fatores referentes à pluralidade dos modos de ser jovem, sua ligação com a cultura, com as artes, etc” (MACEDO, 2007, p. 57).

A cultura local por meio dos projetos escolares: uma formação para o protagonismo estudantil

Conforme o depoimento dos alunos, os projetos proporcionaram a oportunidade de desenvolver habilidades e a busca de sempre melhorar como pessoas, bem como nas atividades.

No primeiro ano e segundo, eu achei muito válido os projetos. Tive oportunidade de mostrar às pessoas um lado meu que poucos conheciam, que era o teatro, habilidades de decoração, essas atividades que exigem coordenação motora. Foram momentos muito especiais. Cada reunião, cada sacrifício para fazer algo de excelência (ALUNO R, em maio de 2020).

Os projetos proporcionaram aos estudantes a descoberta de habilidades novas, se descobriram como líderes e autônomos, despertaram a criatividade, a criticidade, na formação cultural. Na opinião dos alunos, em alguns momentos tiveram a oportunidade de serem protagonistas e lideranças na escola. Como diz a Aluna J: “eu tive que aprender na marra, ser líder, era a tarefa mais difícil, mas a gente além de ter que estar à frente de tudo, tínhamos o papel de motivar a nossa turma, se não as coisas não iam pra frente, tentar organizar algo com várias mentes pensando ao mesmo tempo é a coisa mais difícil a se fazer” (Aluna J).

Eu e alguns líderes de sala, foi o que a gente reivindicava a quermesse, e também o projeto, principalmente eu, eu reivindiquei os projetos estruturantes, gincana, só que aí eles falaram que por causa do tempo não tinha como mais fazer, falaram que os alunos reclamavam, aí a gente não pode fazer nada, eles lançaram uma forma de um projeto, deram o nome também de estruturante, e daria alguma premiação para as pessoas também que participassem, quem quisesse inscrever, se inscrevia aí ia fazer alguma coisa, dança, poema, esses trem, só que foram pouquíssimas pessoas que participaram (ALUNO R, em maio de 2020).

Os alunos relatam que reivindicavam a promoção de eventos, projetos e gincana, mas encontram algumas barreiras, pois muitas vezes os docentes não concordavam com suas indignações, o que demonstra uma necessidade de diálogo entre os educandos e educadores e a escuta sensível em relação às demandas das juventudes. Os alunos ao relatarem suas percepções sobre os projetos escolares, disseram que na escola as atividades desenvolvidas com frequência eram: teatro, dança, música e poesia. E citaram também os projetos estruturantes, que são iniciativas da Secretaria de Educação da Bahia – SEC/BA para a promoção da cultura na escola. Conforme os estudantes, os projetos Tempos de arte Literária - TAL, Educação patrimonial e Artística - EPA aconteceram integrados nas Feira de Ciências e Feira Cultural que são projetos realizados na escola.

Bom, os projetos são interessantes, pois trazem uma nova perspectiva sobre o mundo, além de testar nossa criatividade, e despertar um ser crítico. Entretanto, é um projeto que deve ter em foco o 1º e 2º ano, pois no 3º ano deve haver um foco em conteúdo que venham agregar nos vestibulares e no Enem. Sendo que muitas vezes esses projetos exigem muito tempo dos alunos. (Obs.: A grande dificuldade de execução desses projetos é a falta de recurso, pois o Estado não ajuda) (Aluno C, em maio de 2020).

Chama a atenção no depoimento deste aluno quando ele diz “testar nossa criatividade”. Como se as finalidades dos projetos estruturantes, promovidos pelo governo da Bahia tivessem outra intencionalidade por detrás como avaliar, medir, examinar, como diz o discente: “testar” o ensino - aprendizagem dos educandos do ensino médio. Percebemos que os jovens do ensino médio do diurno, principalmente dos anos finais, têm a preocupação voltada para o Exame Nacional do Ensino Médio - Enem, vestibulares e o ingresso no ensino superior e deixam os projetos como atividades para os estudantes do primeiro e segundo ano do ensino médio.

Em relação ao terceiro ano, eu, juntamente com professores, e outros colegas, demos início a um projeto do Aulão, no qual foi abordado conteúdos direcionados ao Enem e vestibulares, em que não deixamos de utilizar a criatividade dos alunos, com música Paródia), poesia, a própria explicação, fizemos alguns experimentos, enfim, foi algo mesmo direcionado para a formação dos alunos (Aluno egresso C.)

Tornou-se um mecanismo de padronização, que exige dos jovens do ensino médio a preparação quase que exclusiva, nesta etapa, para os exames que lhes possibilitará o ingresso na faculdade. E com a ideia de que precisa ensinar e aprender conteúdos focados no vestibular, as escolas, professores e alunos deixam para segundo plano conhecimentos culturais locais e regionais, que são também importantes em todas as etapas da educação. Mas conforme o depoimento do Aluno C, é possível trabalhar estes conteúdos direcionados ao Enem e vestibulares com um pouco de leveza e criatividade.

Percebemos que para estudantes trabalhadores do noturno, e mesmo estudantes do diurno que não se sentiam contemplados, os projetos desenvolvidos na escola necessitam de uma maior atenção por parte dos governantes. O sentimento do Aluno C é como se as questões culturais não fossem importantes como deveriam. “Falta interesse dos nossos governantes nesse sentido, para falar a verdade não se dá a atenção necessária para esse assunto”. “O que mais nos deixava triste, era a falta de recurso, porque o Estado não dava apoio nenhum para os alunos, tudo era tirado do nosso bolso” (ALUNO C). A opinião do

A cultura local por meio dos projetos escolares: uma formação para o protagonismo estudantil

Aluno C está em consonância com as respostas dos professores, quando disseram que os projetos recebiam mais recursos destinados à execução e os estudantes tinham interesse maior.

Os alunos reconhecem que o Estado deixa a desejar quando se refere às políticas públicas de inclusão. Portanto, compreendemos que cabe à escola, aos professores e ao Estado proporcionar aos educandos condições de exercer suas culturas na escola, de vivenciar a cultura local, da sua cidade, sua região de forma integral, com respeito e dignidade. Os estudantes têm direitos de divulgação e promoção à cultura na escola garantidos nos dispositivos legais, mas na prática ainda existem lacunas a serem preenchidas. Cabe ao Estado, também oferecer formação de qualidade aos educadores que atuam na educação básica.

Os alunos demonstraram que sentem falta de debates na escola, e cobram dos docentes, que promovam projetos para debater sobre a cultura negra, sobre a discriminação racial, sobre o desrespeito às diferenças, a falta de oportunidades e as desigualdades sociais, bem como preconceitos e discriminação de gênero e sexualidade. Com base no decreto de Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio devem promover o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, portanto, reforçamos que a cultura afro-brasileira, indígena e as diversas culturas devem fazer parte do cotidiano escolar e não apenas acontecerem discussões rasas em datas comemorativas isoladas. Os alunos apontaram que é comum na escola o preconceito ou racismo em relação ao trato da cultura baiana, para eles os docentes não exploram a cultura da Bahia, assim como sua origem, memórias e histórias como deveria, e sempre deixa uma lacuna na formação cultural.

É preciso dialogar sobre as diversas culturas cotidianas na escola, é preciso discutir com as juventudes sobre racismo, gênero e sexualidade sem preconceitos. Para Bezerra (2015), precisa-se quebrar tabus e paradigmas precisam ser desmistificados para que os educadores encaram o assunto com naturalidade, para isso é necessário formação específica. A escola como local de convivência e de formação é ambiente propício para o debate e para a construção de entendimentos que serão matéria-prima para o pensamento crítico dos que participam dela. Os jovens precisam vivenciar as suas diversas culturas no espaço escolar. Para Santomé (1995), as culturas juvenis traduzem a juventude. E raramente

se encontram nas instituições escolares o que se denomina de cultura popular e culturas juvenis. Ele considera estas culturas como formas de vida, ocupações e produtos que envolvem o cotidiano dos alunos e alunas fora das escolas.

Compreendemos que com base em uma educação dialógica, problematizadora, emancipatória, como Freire (1987) propõe, os discentes terão condições de exercer o pensamento crítico, o protagonismo e tomadas de decisões, que se trata do ato político. Sobre o protagonismo dos jovens, conforme Arroyo (2011, p. 24), “a visibilidade com que a juventude emerge nas últimas décadas e seu protagonismo não vem apenas das lacunas escolares, das trajetórias escolares truncadas, mas vêm das múltiplas lacunas a que a sociedade os condena”.

Considerações finais

Entendemos que a escola é o espaço, o qual possibilita ao aluno a divulgação da sua cultura e das suas memórias. É onde os educandos devem expressar sua arte, seu modo de ser, suas culturas, também é onde deve ser oportunizado aos estudantes o direito de aprender a pesquisar sobre a cultura do seu lugar, sua região e do mundo, sobretudo aquela que é parte da sua formação e estruturação de si como indivíduo. Com base nas respostas dos educandos ao atuarem como líderes dos projetos, eles tiveram vários desafios para superar, mas tiveram experiências significativas ao desenvolver a autonomia, criatividade, responsabilidade e compromisso. Portanto, com base em Freire (1987) compreendemos que considerar o contexto cultural do educando no processo de ensino - aprendizagem é criar condições para mudar situações-limites que se manifestam no cotidiano.

Percebemos que em alguns momentos, os estudantes viam nos projetos a oportunidade de serem protagonistas, de resolverem problemas e tomar decisões. Neste sentido, a educação dialógica, que valoriza a cultura dos estudantes, propõe a construção de um ensino - aprendizagem integrado e conectado entre as diversas áreas do conhecimento. Além disso, possibilita o pensamento crítico e tangencia a transformação da realidade para a realização das pessoas. Os projetos e políticas culturais são significativos, quando elaborados e planejados, pensando no contexto cultural dos educandos e educadores.

Freire (1987) valoriza uma educação que dialogue com a cultura dos estudantes, planos muito bem elaborados, às vezes falharam porque os seus realizadores partiram de sua visão pessoal da realidade, sem levarem em conta as pessoas a quem se dirigiam. As

A cultura local por meio dos projetos escolares: uma formação para o protagonismo estudantil

narrativas dos sujeitos demonstram que os projetos têm perdido força e interesse, pois são projetos com ideias de pessoas que desconhecem a realidade local e cultural dos estudantes. Com base em Freire (1967, 1987) compreendemos que carecemos de uma educação ativa, reflexiva, inclusiva e problematizadora no contexto atual, que propõe o diálogo entre educador e educando nas práticas pedagógicas. É com o seu saber - fazer cotidiano, com as práticas e táticas diárias, que as pessoas transformam sua realidade (FREIRE, 1989). Ao professor e à escola respeitar os saberes socialmente construídos, os quais as classes populares levam a ela, e também discutir a razão de ser desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 1996).

Ressaltamos a relevância da conexão entre cultura e educação, pois uma escola em que os educandos tenham direito de falar e expressar suas culturas independente de classe, raça, cor, gênero, sexualidade, etnia ou religião é o tipo de escola e educação libertadora e emancipadora, a qual buscamos construir que respeite as diferentes culturas e suas formas de pensar, ser e existir dos educandos.

Referências

ARROYO, Miguel. A educação de jovens e adultos. **Alfabetização e Cidadania**. Universidade Federal de Goiás - UFG, n.11.abr.2011. Disponível em: <https://acervo.fe.ufg.br/>. Acesso em set. de 2020.

BAHIA. Governo do Estado; SUPED - Superintendência de Políticas para a Educação Básica. Síntese dos projetos estruturantes EPA, Estado da Bahia. Salvador: SUPED. 2015, Disponível em: < <http://educacao.ba.gov.br>>. Acesso em ago.de 2019.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I**. Magia e técnica. Arte e Política. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Pref. Jeanne-Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. Lei Constituição Federal de 1988. Artigo 215 e 216. Disponível em: <https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_14.12.2017/art_215.asp> acesso em jun. de 2019.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e bases da educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em jun. de 2019.

BRASIL. Portaria nº 1.570, de 21 de dezembro de 2018. Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dez-2018-pdf/78631-pcp015-17-pdf/file>> Acesso em jun. de 2019.

BRASIL. Decreto. Lei [nº 11.645, de 10 março de 2008](#). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em jan. de 2021.

CALLAI, Helena Copetti. O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento. **VIII congresso Luso-brasileiro de ciências sociais**. A questão social do novo milênio. Coimbra, 2014. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/pt/LAB2004>, acesso em dez. de 2019.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições. 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. Coleção cultura é o quê. Ed. Secretaria de Cultura da Bahia. Salvador. 2007.

DAYRELL. Juarez. A escola “Faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**. Campinas. Vol.28. n.100. out.2017. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br/Acesso> em jan. de 2021.

DAYRELL. Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. set /out /nov /dez 2003, n. 24. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/abstract/?lang=pt>. Acesso em em nov. 2020.

DE CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes. 1998.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. 49p.

FREIRE, Paulo. Política e educação: ensaios. 5. ed., São Paulo, Cortez, 2001. 57p.

FREIRE, Paulo. A Ação cultural para a liberdade. 5 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981. 149p.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Editora: Paz e Terra, 1967. 157p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Paz e Terra, 1996. 76p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido, 7.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. 107p.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. Fronteiras entre ciência e saberes locais. **Revista Geografias**. Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Belo Horizonte. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/geografias/article/view/13283>. Acesso em novembro de 2020.

MACEDO, Núbia Sueli Silva. A formação docente e o fenômeno da juvenilização na educação de jovens e adultos: desafios formativos. 2017. (Dissertação de mestrado). Universidade do Estado Da Bahia – UNEB. Salvador. 2017. Disponível em: http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2018/03/Dissert.Nubia_.pdf. Acesso em maio de 2021.

MINAYO. Maria Cecília de Souza. O desafio da Pesquisa Social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; MINAYO. Maria Cecília de Souza Gomes Romeu. (Org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Editora: Vozes, 2009.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: Da Silva. Tomaz Tadeu. (org.). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis. RJ: Editora Vozes, 1995.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção - 4. ed. 2. Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Cidadã: Por uma Epistemologia da Existência. **Boletim Gaúcho de Geografia**. Porto Alegre – RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. v.21, n.1. p.7-192, ago. 1996. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38613>, acesso em novembro de 2019.

SILVA. Fabiany de Cássia Tavares. Cultura Escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **Revista Educar**. Curitiba: Editora UFPR. n.28. 2006. p.101-119. Disponível em: cielo.br/j/er/a/w6kJ5hdSGVRnhRWTVP68D3P. Acesso em novembro de 2020.

SOUZA, Hanilton Ribeiro de. ANDRADE JÚNIOR, Aldo de Oliveira. A desinvenção da cidade de Castro Alves/Bahia/Brasil: a destruição do patrimônio histórico e cultural e suas influências sobre a memória, identidade e cidadania. **Simpósio Cidades Médias e Pequenas da Bahia**. Anais. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Vitória da Conquista-Bahia, 2014. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index>. Acesso em março 2021

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**. Mai/Jun/Jul/Ago. 1997 .nº 5. Disponível em: https://anped.org.br/sites/default/files/rbe/files/rbe_05_e_06.pdf. Acesso em outubro de 2021.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto político-pedagógico: uma construção coletiva. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; RESENDE, Lúcia Maria Gonçalves de (Org.). **Projeto político-pedagógico: uma construção possível**. 14ª ed. Papirus, 2002. p. 2-18.

Sobre as autoras

Lidiane Sousa Trindade

Mestranda em Ensino pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: lidiane.sousa.trindade@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3720-2322>

Mary Weinstein

Professora no departamento de Filosofia e Ciências humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Leciona nas pós-graduações em Ensino (Uesb) e Museologia (Ufba). Coordena o grupo de pesquisa Jornalismo, Cidade e Patrimônio Cultural e o projeto de extensão Cidades e Memórias. E-mail: mary.weinstein@uesb.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8911-3447>.

Recebido em; 15/09/2021

Aceito para publicação em: 22/10/2021